



ODEIO A INTERNET!

CIRO MARCONDES FILHO

Odeio os *chats* de conversação por computador. É como se me colocassem diante de uma pessoa para que eu conversasse com ela de olhos vendados, sem sequer ouvir sua voz... E me dessem de consolo bilhetinhos com suas frases... Não, ainda não cheguei a esse ponto de estupidificação mental... Não posso imaginar conversar com alguém sem ver seus olhos, os olhos, que para mim são muito mais do que órgãos de visão. São órgãos de imersão... São

como o inverso do periscópio, tal qual os jogos de lentes cruzadas e diagonais de um microscópio, que me permitem entrar na invisibilidade de um tecido, de um plasma, de microfatia dérmica. Pelos olhos eu vejo em você uma tristeza interior, uma melancolia mesclada com uma vontade terna mas impotente de se exprimir; pelos olhos eu vejo nessa outra pessoa uma temura solitária, um silêncio interior brando, uma resistência às investidas de todos aque-

CIRO MARCONDES

FILHO é professor titular da ECA-USP, coordenador do FiloCom e do Núcleo José Reis (ambos da USP) e autor de vários livros na área de comunicação, jornalismo e novas tecnologias.

les que querem torná-la igual aos outros... Pelos olhos eu vejo, em mais essa outra pessoa, as transformações de seu ser, os mesmos olhos que tempos atrás repassavam um orgulho vaidoso, indiferente, até mesmo arrogante, hoje denunciam uma incerteza, um olhar inseguro de quem sofreu, se dobrou, teve de refazer a vida...

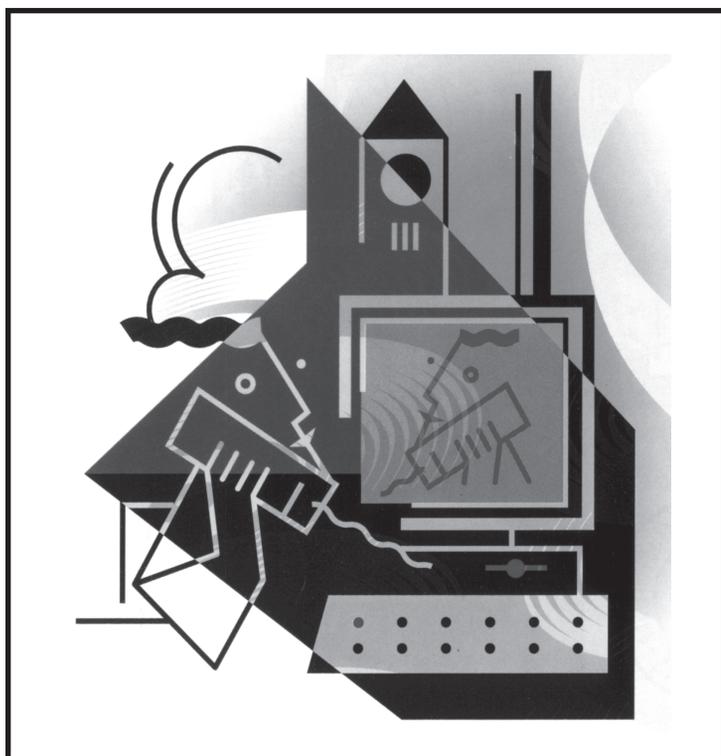
Nada disso um *chat* me traz. Ele me sonega o olhar do outro, esse oceano de conflitos e tesouros, essa imensidão da alma que nenhuma palavra transmite... Não, não, eu não quero o *chat*, porque o *chat* é a comunicação de quem não presta atenção na comunicação, daqueles que falam sem se incomodar se o outro ouve ou não, se está ou não interessado na conversa. O *chat* tampouco me dá as modulações da voz, onde eu reconheço os estados de alma de meu interlocutor. Como saber se aquele "vou indo mais ou menos" está sendo dito num tom de indiferença, tristeza ou depressão profunda? Como entender na frieza das palavras esterilizadas, assexuadas, inertes a diferença entre o sussurro e o tom baixo da melancolia? Ouvir o outro é antes uma cultura, um aprendizado, uma *antieducação*, se nós entendermos educação como

esse massacre cotidiano da indiferença e da generalidade a que estamos expostos diariamente na família, na escola, diante da TV, diante do computador.

Aprender a ouvir. Jamais vou conseguir isso num *chat*. O telefone talvez seja um meio de comunicação extraordinário, pois, isolando a expressão facial, o conjunto das mensagens do rosto, nos destila apenas a voz. Vozes de mágoa, de entusiasmo, de incerteza, de euforia, de encantamento, vozes de lamento, mas, mais profundamente ainda, vozes que sob as palavras simples estão nos dizendo outras, subentendidas, escondidas sob o peso desses significantes, vozes que falam no silêncio dos espaços sem fala... Esse mundo todo de comunicações não-codificadas, a-sígnicas, não-simbolizadas me escapa no *chat* mas eu sinto suas pistas na conversação telefônica, porque lá o mundo se reduz à sua fala, à sua expressão, à entonação que pertence a você, mas de onde você permite também saírem outros textos, outras falas, sensações já não verbais através, junto, contra as próprias palavras...

O que o *chat* fez com tudo isso? Matou. Varreu toda essa densidade comunicativa, todo esse mundo a ser percorrido, limpou todas essas *impurezas* e me devolveu um texto pronto, correto, tecnocraticamente imaculado. Que bom, agora eu já não tenho que me preocupar com o outro, eu já nem o sinto...

Mas eu também odeio o correio eletrônico, esta por todos os cantos e a todos os ventos cantada "reinvenção da escrita". Maravilha da era da informática, a escrita eletrônica vai me tornar muito mais *correspondente*, muito mais *correial*, mais postal, mais *courrieral*... Todos vão me escrever e eu vou escrever para todos. Milagre da comunicação universal, realização do reencontro ecumênico das almas em torno de um simples aparelho de computador pessoal. Mas eu me irrita, pois o que vejo a cada dia que abro minha *caixinha de correspondência* são centenas de mensagens que não estão interessadas em mim, de gente que não me conhece, de pessoas que estão interminavelmente me pedindo para comprar isso, para fazer aquilo, para encomen-



dar aquele outro. Uma caixinha abarrotada de mensagens saltando para fora do computador, me exigindo um novo trabalho diário, limpar e jogar fora toneladas de *bits*, que me cansam os braços e as energias.

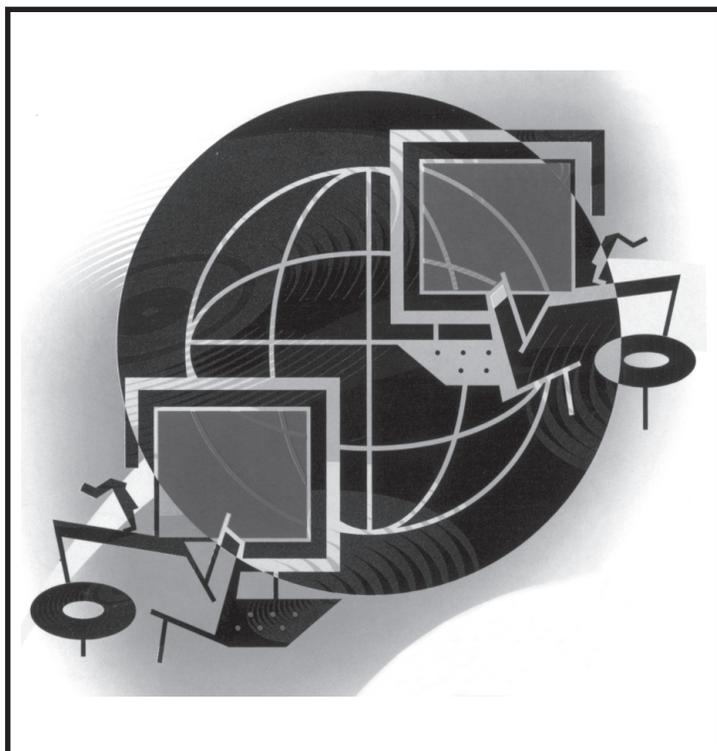
É o novo desgaste cotidiano. Mas recebo também mensagens de amigos. Que eu não respondo. Que eu não consigo responder. Meus amigos, como eu, estão também eles imersos em centenas de lixos diários, inundados até o pescoço com a escória da comunicação, esse basculante eletrônico a despejar em nossa linha o colossal inútil a ser eliminado. Trabalho não-remunerado para nós todos. Também eles gostariam de falar comigo, trocar sensações, impressões, informações, sei lá, e estão aí, escravos desse novo senhor sem face. Não consigo responder: tenho tristeza e problema de culpa por deixar meus amigos esperando e, no final, ter que me satisfazer e satisfazê-los com uma esfarrapada “não consegui até hoje achar tempo”. Eles sabem que isso não é verdade, mas o praticam da mesma forma. Estamos todos no mesmo barco virtual, navegando em águas emporcalhadas de *e-mails*.

As mensagens dos meus amigos e amigas caem insistentemente em minha caixa, as abro e não respondo. Quem sabe outro dia. E o tempo passa e não nos comunicamos. Mas principalmente por causa da máquina, ou melhor, do sistema todo. Essas luzinhas na tela, que ficam piscando, que ficam impacientemente chacoalhando a perna para que a gente, enfim, seja rápido, seja maquinal, abandone de vez essa letargia humana, essa mania que os humanos têm de dar um tempo, de esperar, de pensar. Tudo tão inútil da perspectiva desses nossos novos senhores.

Eu tenho vontade, meu amigo me escreveu, eu preciso responder. Já se passaram vários dias e eu não consigo. Mas, como pode? Como pode alguém não conseguir se é tão fácil? Se é tão rápido? Se tudo é um maravilhoso complexo de altas velocidades e resoluções? Mas *eu* não consigo. Imagino uma carta pausadamente escrita, uma carta que pondere as palavras, que escolha a melhor expressão, que tente realizar essa química impossível entre um meio

totalmente morto e estéril para as questões dos sentimentos, que é a escrita, e a imensa necessidade que tenho de fazer-me compreender, de fazer meu amigo entender minhas angústias, meu estado de espírito, minha alma. Mas a tela me profbe: as cartas eletrônicas *são obrigadas* a ser telegráficas. Porque há um monte de outras a responder, já que as pessoas diante do computador e de seu correio eletrônico resolvem dar uma solução final em todas as correspondências reais e virtuais que estavam penduradas, porque o espírito do computador não tolera que você pare muito tempo na mesma carta, porque você já está há horas saltando de *site* em *site* e não dá mais para ficar perdendo tempo com isso, porque o sentido dessa ocupação não é se comunicar com ninguém mas apenas fazer de conta, dar a impressão, funcionar “como se”. Não é para levar a sério. O correio eletrônico não é um lugar para se pôr a escrever cartas, era só o que faltava!...

Eu não consigo me adaptar a esse ritmo, minha cabeça funciona diferente, esse mundo efetivamente não é o meu. Gosto de escrever mas isso tampouco é visto com bons olhos pelo *sistema*. Não, não, ler não é acon-



selhável. Basta olhar, lançar um olhar difuso, perdido, atratores estranhos passeando no espaço de fase, pontilhados “esquizados” dançando na tela do computador como os *pixels* do ecrã televisivo, basta isso, nada de esforço sobrenatural, basta olhar, um olhar perdido, dispersivo, é isso que são os novos tempos. Um olhar que em cada tela que se sucede é despertado por um *banner* que sugere tentações maravilhosas, ofertas imperdíveis, sonhos eróticos com mulheres impossíveis...

E me entristece, pois a carta do meu amigo está ali e eu não consigo escrevê-la, pois não me satisfazo com qualquer “um grande abraço”, com qualquer besteirinha somente para marcar cartão. Não, eu queria escrever e não me deixam! O correio eletrônico não me permite, eu não posso, isso aqui não se faz, seu moço! Vá procurar outro lugar. Mas o outro lugar não há.

E há ainda as *páginas pessoais* e como são tristes as páginas pessoais! Não que elas tragam tristeza, dor, infelicidade. O que é triste é o fato de cada um ter de pôr um aviso ao mundo, um painel nas autopistas cibernéticas cotidianas dizendo: gente, eu existo! Ninguém dá conta de minha existência, mas estou aqui, juro que não morri. Morreu, sim. Não estou dizendo nenhuma novidade, mas todo mundo sabe que se você precisa evocar a existência de alguma coisa é porque ela já não existe. São os discursos de salvação do ambiente, da natureza, da solidariedade, do engajamento, todos fatos já atropelados pela história e que só deixaram pistas apagadas na existência de cada um. Sim, a Internet me garante a sobrevivência, dizem eles, com esta página pessoal ninguém mais me desconhecerá.

Último refúgio daqueles que já não vêem nenhum espaço onde podem ser realçadas suas qualidades, onde possam ser vistos como alguém diferente, a página pessoal é uma Calçada da Glória feita de pura virtualidade. Ninguém se conforma muito com o fato de os outros não desviarem os olhos de seus umbigos, ninguém aceita que nem sequer o companheiro ou a companheira estão ao seu lado mas estão igualmente sozinhos, ausentes, o voltar-se

para o outro é um comportamento desaparecido. Todos estamos sós, ninguém se importa com nossa morte (alguns até a desejam...), não foi Deus quem nos abandonou, nós mesmos é que rompemos com qualquer amarra transcendental. Um pouco como a quintessência de um capitalismo que não tendo mais inimigos passa a nos devorar agora internamente. Algo como a baixa tendencial da taxa de lucro, como se dizia antigamente.

E lá está a cara do Fulano de Tal contando ao mundo suas proezas. Quantas coisas fez na vida, como é lindo seu currículo, como ele gosta de si mesmo; e como é triste ter de se vender como uma peça fora de moda numa vitrine empoeirada. Assim são os *sites* pessoais. Tão grotescos como aqueles sujeitos que nos dão um cartão de visita do tamanho de um cartão-postal... Gente, o cartão de visitas é muito pequeno para minha enorme importância. Visitem a minha página, pelo amor de Deus! Há coisa mais emocionante do que frequentar um ego oceânico que perdeu o pé do mundo?

Mas eu tampouco gosto do jornalismo *on-line*, eu sou efetivamente um grande chato, uma pessoa desagradável, ranheta, não gosta de nada, pentelho que põe defeito em tudo. Nega o progresso, as tecnologias, Santo Deus, tanta coisa boa foi criada pelas tecnologias. E eu aqui a reclamar, o eterno insatisfeito, o encrenqueiro. De fato, têm razão todos os que dizem isso, pois eu não leio jornal *on-line*. Mas não é por falta de vontade, nem necessidade. Acontece algo estranho e misterioso. Toda vez que eu abro a página de um desses portais, eu me vejo comprimido. A grande página do jornal impresso, aquele volume que a gente carregava nas axilas, aquele abrir e fechar grandes folhas para o incômodo do vizinho no ônibus desapareceram e em seu lugar está a telinha condensadora. O grande liquidificador de notícias.

O jornalismo *on-line* é antijornalismo. Enquanto estou lendo uma notícia, já aparecem outras na tela, me cobrando novamente rapidez. Todo o sistema sofre de neurose compulsiva por velocidade. E temos que ser igualmente neuróticos compulsi-

vos para acompanhá-lo, pois *Ele* dá o ritmo. E para ler uma notícia convenientemente eu não devo ler a notícia. Sim, porque quando me interessa eu quero *muita* notícia, um exagero, páginas e páginas, fotos, depoimentos, tabelas, e também gosto de uma descrição histórica, um apanhado de algum especialista, mas tudo isso exige trabalho. Claro, porque o jornalismo *on-line* é compactado e não tem *winzip* que o descompacte. Um desdobramento da notícia são quatro ou cinco parágrafos mais adiante. E você morre aí, desamparado. Seduzido e abandonado.

É certo que o jornalismo *on-line* não está sozinho nisso nem foi ele quem criou esse antijornalismo, um jornalismo feito para quem não gosta de jornalismo ou para que as pessoas passem a desgostar do jornalismo. Essa tendência de matar as notícias, reduzi-las a algumas chamadas e uns textos pasteurizados e absolutamente insossos, vem de antes, das estratégias empresariais de transformar todo o texto jornalístico ou em publicidade enrustida ou em sensacionalismo *high tech* ou em curiosidades subjetivas inúteis. Toda a imprensa, todos os jornais como um imenso *fait divers*.

Mas jornalismo no computador tem muitos outros poréns, uns mais, outros menos comentados, que não vale a pena ficar aqui, caro leitor, fazendo você perder tempo com essa ninharia.

Todas essas tecnologias nos mantêm eternamente na infância. Gianni Vattimo havia dito que na atual era tecnológica nós gozamos da maior liberdade, que nos incomoda, pois temos nostalgia do pai opressor, que nos era ao mesmo tempo ameaçador e reconfortante. Mas ele está equivocado: o pai opressor não foi embora, não deixamos de ser crianças incapazes para o mundo, tampouco temos diante de nós a liberdade. A liberdade, da qual ele se vangloria, é a de brincar, porque nada mais de responsável ou de conseqüente nos sobrou. Nada do que ele falou acontece; os jogos eletrônicos, a forma pueril de brincar com os *sites* e as buscas, a irresponsabilidade, tudo isso deixa bem evidente que estamos cada vez mais crianças, cada vez mais à toa neste mundo,

e nosso pai autoritário não desapareceu não, ele está aí como um espectro atrás de cada violência cotidiana que praticamos, de nossa intolerância, de nossa incapacidade para a igualdade, para o respeito ao outro.

Mas alguns amigos falam que não, que a Internet é maravilhosa, que a gente pode pagar conta bancária, pesquisar bibliotecas do mundo inteiro, comprar discos e livros raros em livrarias de primeiro mundo, histórias fantásticas dessa natureza. E eu fico ouvindo e pensando. Talvez eles tenham razão: a Internet é o grande orgasmo da humanidade, particularmente das classes médias e dos intelectuais. Mas ainda não me convenci. Os discos que encontro nas grandes lojas virtuais estão fora de catálogo e, no fim, o que eles me oferecem como consolo é um sebo. Com as músicas isso ainda é mais flagrante. Mas vejo isso tudo como desvantagem. No fundo, eles reconhecem que a gente tem mesmo é que se virar sozinho e acaba encontrando aí grandes motivos de felicidade.

As lojas de vinil, os sebos funcionam como uma anti-sociedade, uma marginalidade que insiste em sobreviver num mundo plástico e luminoso das realidades virtuais. Mas eu imerjo neles; prefiro mesmo, pois nesses becos eu ainda encontro vida não diria “inteligente”, porque esse conceito está meio estragado pelas tecnologias que o apropriaram de forma perversa. Não, não. Encontro uma vida subterrânea, como aqueles infelizes que ficavam decorando livros inteiros no *Fahrenheit 451*, do Truffaut. Todos se perguntam se há vida após a morte mas ninguém se pergunta se é possível uma vida *antes* da morte, quer dizer, aqui mesmo, neste planeta, nesta sociedade plugada, enredada de fios de computador por todos os lados e envolvida até o pescoço no lodçal da mediocridade. E ela está tão pertinho de nós: nesse olhar oceânico do outro, nesse sussurro ao pé do ouvido que o texto escrito bane, no exercício subversivo da escrita, na busca de informações *off-line*, na paleontologia dos vinis, num monte de vestígios de uma cultura semidesaparecida, onde cisma em vegetar um tipo de vida humana totalmente fora de moda.